



## A crise hídrica brasileira: uma leitura a partir da Bíblia

The Brazilian Water Crisis: a Reading from the Bible

\* Rita Maria Gomes

### Resumo

Este artigo visa refletir a crise hídrica a partir da perspectiva dos crentes cristãos, pois para muitos, a preocupação ambiental é uma realidade. Ainda assim, há discursos pouco refletidos e um uso arbitrário da Escritura para justificar o pouco ou nenhum cuidado com a casa comum. Para tanto, usa-se o método da análise narrativa dos textos sagrados e a revisão bibliográfica do tema da água na contemporaneidade. O percurso seguido tem como ponto de partida o levantamento do vocabulário bíblico da água, segue para a análise de alguns textos nos quais o elemento água é essencial. O passo seguinte é a análise do tema da água na *Encíclica Laudato Sí* do Papa Francisco em relação com o projeto de privatização dos serviços de água e esgoto no Brasil. A conclusão a que se chega é que a economia é o novo Baal ou Mamon a quem muitos servem.

**Palavras-chave:** Bíblia; Criação; Dilúvio; Laudato Sí; Crise Ambiental.

### Abstract

This article aims to reflect on the water crisis from the perspective of Christian believers, since for many, environmental concerns are a reality. Even so, there are poorly thought-out discourses and arbitrary use of Scripture to justify little or no care for our common home. To this end, the method of narrative analysis of sacred texts and a bibliographic

\* Doutora pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Contato: [ritamarianj@gmail.com](mailto:ritamarianj@gmail.com)



Texto recebido em:

20.03.2025

Aprovado em:

10.09.2025

Ano XXXIII - V. 34 - Nº 111

Mai - Dez 2025



Programa de Estudos  
Pós Graduados em  
Teologia - PUC/SP

review of the theme of water in contemporary times are used. The path followed starts with a survey of the biblical vocabulary of water, followed by an analysis of some texts in which the element of water is essential. The next step is the analysis of the theme of water in Pope Francis' Encyclical *Laudato Sí* in relation to the project of privatizing water and sewage services in Brazil. The conclusion reached is that the economy is the new Baal or Mammon that many serve.

**Keywords:** Bible; Creation; Flood; *Laudato Sí*; Environmental crisis.

## Introdução

**A** importância da água é indiscutível já que os estudos apontam para a escassez de água potável e sua iminente falta. Já se nota a falta de água adequada para o consumo humano e isso é apenas o efeito produzido pela destruição do meio ambiente provocada pelo ser humano.

Que esse tema é relevante para o momento em que vivemos justifica os diversos encontros promovidos por diferentes instituições em vários países, incluindo aí o Brasil, para pensar a natureza a partir de seus elementos. Entre os elementos naturais o mais discutido é a água. Já em 2021 a ONU alertava, no início de seu relatório, sobre o direito humano a água potável e saneamento, que “o mundo está enfrentando uma crise mundial da água, e a mudança climática está piorando esta crise” (ONU, 2021, p. 2). E a mudança climática, por sua vez, é consequência da “emissão massiva de gases de efeito estufa” (ONU, 2021, p. 2).

No Brasil, o foco é a política de privatização do setor que conta com um lobby político forte e a pouca compreensão do tema pela maioria da população. Não sem razão a privatização já é uma realidade em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná, Pará e Amazonas. Embora a história da privatização de água e esgoto no Brasil remonte ao governo Collor, ela ganhou força nos governos Temer e Bolsonaro e, infelizmente, continua no governo Lula.

Para a presente reflexão sobre água na perspectiva dos cristãos, toma-se como ponto de partida a Sagrada Escritura por meio da análise de textos-chave

onde o elemento “água” tem papel decisivo. Esse percurso se justifica porque no âmbito do dia a dia, nas conversas cotidianas, se mantém uma falácia “fundamentada na Bíblia” pela citação da ordem divina de “dominar ou submeter” a terra (Gn 9,7). Por isso, vamos à Escritura para ver o que ela nos diz sobre a água em sua relação com a criação e descobrir que luzes nos traz para a reflexão e posicionamento sobre o tema ambiental.

## 1. O vocabulário bíblico da água

Antes de qualquer coisa devemos corrigir esse costume de atribuir a Deus uma ordem de domínio e submissão que se mostrou nociva para a criação inteira. Nas versões em grego e hebraico, não existe tal ordem e os termos usados são “הַבָּרָא” e Πληθύνω”, respectivamente. Estes termos significam “multiplicar, espalhar-se”, ou seja, a ordem é para multiplicar e se espalhar sobre a face da terra. A pergunta que fica então é: como multiplicar se tornou “dominar”? Em algumas traduções católicas esse fenômeno ocorre porque a versão oficial da Igreja é a tradução da Nova Vulgata e nela o termo hebraico por “dominamini ei” (NOVA VULGATA, 1979, Gn 9,7, p. 13). Ao que tudo indica houve um erro de leitura e em vez de “הַבָּרָא” [encher] se leu “הַבָּרָא” [dominar]<sup>1</sup>.

Uma vez assegurado que não há na Escritura nenhuma orientação para um domínio de nenhuma parte da criação, pode passar ao levantamento e avaliação dos termos utilizados pela Escritura para se referir ao elemento água e, assim, pode chegar a definir quais textos são fundamentais para a compreensão do tema aqui proposto. Na sequência, se analisa os principais trechos nos quais a água aparece na Escritura.

O termo grego para água é ὕδωρ - ὕδατος [ydon – ydatos] que traduz o termo hebraico מַיִם [maym]. O termo hebraico é um dual de uma forma primitiva e normalmente é traduzido pelo plural “água”. O termo ydōr é atestado no total de 676 ocorrências na versão grega da LXX em nove formas diferentes. Em toda a Escritura aparece 752 vezes em 660 versículos (BIBLEWORKS, 2006).

---

1. Traduções à língua portuguesa consideradas excelentes para estudo como Bíblia de Jerusalém, Tradução da CNBB e Bíblia do Peregrino adotaram equivocadamente a tradução “dominai-a” ou ainda “submetei-a”.

O termo hebraico usado para águas procede de uma raiz inusual composta com duas letras<sup>2</sup> יְם que significa “rugir” e é transliterado por yâm. Essa raiz dá origem ao termo mayim, traduzido por “as águas” e יְמִים [ymayim] traduzido por “mar”, podendo significar tanto o mar em geral quanto as águas de um grande rio (STRONG, 2002, p. 422). A raiz hebraica Yam aparece 110x em textos diversos, mas a grande maioria se encontra no livro do Gênesis que conta com 38 ocorrências.

O segundo livro com maior número de usos do termo é o livro do Éxodo com 14 ocorrências (BIBLEWORKS, 2006). A LXX traduziu יְמִים por θαλάσσας. Com isso, percebemos que na passagem para o grego a íntima relação filológica entre água e mar se perde. Outro termo importante e que por vezes é traduzido por marénahar(נְהַר)que foi traduzido ao grego por ποταμός[potamós] e significar o.

## 2. A água na Bíblia

Com base nos usos do termo para água, elenca-se como perícopes fundamentais o hino da Criação (Gn 1,1-31), a narrativa do dilúvio (Gn 6,5-9,17), a poluição do Nilo (Ex 7,17), a travessia do mar (Ex 14) e o saneamento das águas por Eliseu (2Rs 2,19-22). Esses textos foram escolhidos pela presença do termo e importância do elemento na narrativa.

### 2.1 O poema da criação (Gn 1,1-2,3)

A primeira coisa que se deve observar é o gênero poético desse texto (Gn 1,1-2,3). Como poema, esse texto tem uma cadência expressa pela repetição de algumas frases e essa repetição, por sua vez, esquematiza o poema como segue:

Deus disse  
E houve  
E Deus chamou...  
E Deus viu que era bom.  
Houve tarde e houve manhã .... dia

A partir dessa repetição pode-se organizar as obras da criação nos dias. No quadro abaixo, pode-se perceber a distribuição das obras (TILLESSE, 1984, p. 11):

2. O comum nas raízes hebraicas é a formação com três letras. As raízes com duas letras é uma influência do aramaico.

- |   |                                   |
|---|-----------------------------------|
| 1º - luz / escuridão  | 4º - astros (sol, lua e estrelas) |
| 2º - águas / águas  | 5º - peixes e aves                |
| 3º - águas / baixo = mar / terra  | 6º - animais (terrestres)         |
| - vegetação   | - ser humano                      |
| 7º - Repouso divino "Sábado": שַׁבָּת - séptimo- repousar, deixar de trabalhar. |                                   |

Para o nosso propósito aqui, o mais importante é o relacionado a água, portanto, os trechos do segundo e do terceiro dia da criação e Gn 1,2 no qual se encontra a primeira vez o termo מִים. Em todo o primeiro capítulo de Gênesis o termo aparece 12x e mais 2x o termo para mar יָם.

Gn 1,2 traz a informação de no princípio havia uma espécie de caos aquoso e é sobre esse caos aquoso que a Ruah pairava. A criação, neste poema, é um ordenamento dos elementos. O termo que ilumina esse trecho é הַבְדִיל havdalah, que significa separação/distinção<sup>3</sup>. No primeiro dia há a separação/distinção entre luz e escuridão.

No segundo dia, há separação entre as águas e aqui pode-se perceber a noção de espaço nas linhas horizontal e vertical, pois cria-se o firmamento para manter a separação entre águas de cima (chuvas) e águas de baixo. Todos os outros elementos da natureza surgem da ordenação das águas.

No terceiro dia, há o ajuntamento das águas de baixo que será chamado mar (ם ים). Com o ajuntamento das águas surge o solo que Deus chamou terra (eretz). Os termos para água e mar vão reaparecer ainda ao longo do poema, mas esses são suficientes para nosso propósito. Compreendendo o cosmos como uma sequência de separação/distinção dos elementos naturais vemos um ordenamento harmonioso que permite a geração de vida.

Nesse sentido, o mar foi entendido desde as mais remotas civilizações como o princípio destruidor do cosmos (COHN, 1996), o lugar de habitação de monstros capazes de destruir tudo. Entretanto, em Gn 1,21-22 Deus cria os animais

3. A havdalah é amplamente conhecida no mundo judaico como oração que separa o sábado dos outros dias da semana (Cf. *Mishnah Berakhot* in: [sefaria.org](http://sefaria.org)). Como tal, ela é de origem rabínica, mas tem seu fundamento no hino da criação onde aparece a raiz בְּדִיל a primeira vez.

marinhos e ordena: “sede fecundos e enchei as águas do mar [...]”, muito semelhante a ordem divina ao casal humano (Gn 1,28). Nesse trecho da Escritura nenhum elemento é avaliado como negativo, em tudo Deus viu que era bom.

## 2.2 A narrativa do dilúvio (Gn 6,5-9,17)

O relato do dilúvio é bem amplo e não é possível tratá-lo em detalhes aqui. Portanto, atemo-nos ao essencial para a compreensão do tema. Há uma razão para o dilúvio, ou seja, um volume desordenado de água que arrasa tudo sobre a terra. O próprio termo dilúvio aponta para a desordem do comportamento do elemento natural. A razão para a “descrição” é a desordem causada pelo ser humano. Gn 6,5-8 atesta que o Senhor diante da maldade humana que se multiplicou sobre a terra decide eliminá-lo da face da terra.

Mas, se a decisão de Deus visava o ser humano por causa da sua desordem, a consequência atinge o resto da criação. Isso é importante porque revela o vínculo de solidariedade que une o ser humano ao resto da criação (GOMES, 2018, p. 460). Isso aponta para a relação intrínseca do ser humano com o resto da criação. Como afirma Davi Kopenawa, em o Espírito da Floresta, não há separação entre o humano e a natureza, tudo é natureza (KOPENAWA; ALBERT, 2022).

A água vai ser o elemento responsável pela eliminação do ser humano e com ele os animais e as plantas. Em Gn 7,11-24 encontra-se o relato do dilúvio propriamente dito. As águas aqui têm dupla origem: as de cima (chuvas) e as de baixo (fontes e o mar). As águas vão crescendo aos poucos até cobrir as montanhas mais altas e isso impossibilita a vida sobre a terra.

O texto indica o tempo de duração das chuvas, quarenta dias e quarenta noites (v. 12) ou a enchente durou cento e cinquenta dias (v. 24). Por fim, em cinco meses a ordem da criação tinha voltado à condição de caos primordial. No relato do dilúvio as águas mostram sua potência destruidora e purificadora.

Em Gn 2,4b-5, a Escritura informa que quando Deus fez o céu e a terra não havia nenhum arbusto sobre a terra nem tinha brotado vegetação porque o Senhor “ainda não tinha enviado chuva sobre a terra”. No relato da criação, a chuva

aparece como elemento necessário a existência de vida na terra. As águas, em seu ordenamento são fonte de vida.

### 2.3 Os prodígios no Egito: a poluição do Nilo (Ex 7,15-24)

Na sequência de textos dos prodígios no Egito, para convencer o faraó a deixar os israelitas partirem, tem três relacionados a água: o primeiro, o segundo e o sétimo prodígio, respectivamente: água transformada em sangue, as rãs e a chuva de granizo. Aqui consideraremos o primeiro porque os outros dois tem menor alcance e podem ser compreendidos a partir do primeiro.

O termo água aparece 10x nesse trecho é o elemento essencial para a vida das pessoas que vivem no Egito. A água “transformada em sangue” é uma forma de poluição, de degradação que torna a água imprópria para o consumo e, portanto, para manutenção da vida. O texto informa que todos os peixes morreram. A poluição atingirá todos os tipos de reservatórios de água no país. A água poluída leva à morte.

### 2.4 A travessia do mar (Ex 14,15-31)

O termo água aparece 6x e o termo mar 2x. A travessia do mar é outro texto importante para refletir sobre a ambiguidade da água. O mar é um símbolo muito forte na Escritura e no pensamento das civilizações antigas como um todo.

Aqui, como no poema da criação, o mar apresenta seu caráter de poder destruidor. As águas do mar são ao mesmo tempo responsáveis pela vida do povo de Israel e pela morte do povo egípcio.

O mar tem uma força descomunal. É claro que no contexto original, ele é um instrumento da ação poderosa de Deus. No entanto, o potencial de vida e morte do mar pode ser constatado ainda em nossos dias, basta observar o período de “ressaca” do mar para se ter uma pequena mostra de seu poder destruidor.

### 2.5 As águas saneadas por Eliseu (2Rs 2,19-22)

Nesse pequeno trecho, a Escritura apresenta um movimento inverso: águas que não são próprias e que são saneadas. Há uma esperança para as águas polu-

ídas. Há um exemplo de recuperação da água de uma condição imprópria para o consumo à de água potável, mas requer a atitude do ser humano para atingir esse propósito.

Em várias outras passagens da Escritura pode-se encontrar referências à água como o elemento responsável pela manutenção da vida dos humanos, dos animais e das plantas. Encontram-se também vários exemplos de manipulação deste elemento para derrotar os inimigos nas guerras ao privá-los do essencial para sobreviver.

## 2.6 O vocabulário e o elemento água no Novo Testamento

A água no Novo Testamento não tem a mesma dimensão que no Antigo Testamento. Nos evangelhos a água está presente no batismo de Jesus. Em Marcos e Mateus (Mc 1,9-11; Mt 3,13-17), temos o relato do batismo e a referência de que o Espírito vem sobre Ele ao “erguer-se”, ou seja, ao sair da água. Lucas e João não narram propriamente o batismo. Lucas (3,21-22) separa o batismo na água e a vinda do Espírito em um momento de oração, por isso, em sua referência ao batismo não aparece o termo *ydatos*. João (1,29-34), por sua vez, faz uma espécie de memória do batismo a título de testemunho. Em seu texto o termo aparece uma vez, mas não relacionado a Jesus e sim ao tipo de batismo de João que é na água enquanto o messias batizará com o Espírito Santo.

Outro momento importante no qual a água é destaque diz respeito ao domínio de Jesus sobre esse elemento. Na versão mariana da chamada “tempestade” acalmada o termo *ydor* não aparece, apenas os correspondentes ao mar como “ondas” e “mar”. Já na versão lucana do mesmo texto, o termo para água aparece. Isso é compreensível porque Lucas precisa que Jesus e os discípulos estão atravessando o lago, enquanto Marcos usa o motivo do “mar”. A tradução para o grego separou o que na mentalidade judaica permanecia unido, ou seja, o mar é o ajuntamento de águas.

O evangelista Mateus vai demonstrar esse domínio de Jesus sobre as águas na travessia do mar (Mt 14,22-33). Nesse trecho, o termo *ydor* aparece duas vezes. O elemento água não aparece primeiramente como elemento vivificador ou

destruidor, tal como se percebe claramente no Antigo Testamento. Aqui, ele está em função da apresentação de Jesus como o enviado de Deus, portador de seu poder sobre a água, o elemento por excelência da criação e da manutenção da ordem criada. Se o fato de ter poder sobre a água revela quem é Jesus isso se dá porque a água [entenda-se aqui as águas do mar] são a ameaça constante da criação se não está em seus limites, se não está em harmonia com o resto do cosmo (COHN, 1996).

### 3. Uma palavra da igreja sobre o tema da água

A visão oficial da Igreja Católica sobre esse tema nos chega através da Encíclica Laudato Sí, sobre o cuidado da casa comum do Papa Franciso. Mas, importa ressaltar que esse documento não representa o primeiro posicionamento da igreja sobre o tema. Em 2003 no III Foro Mundial sobre a Água, realizado em Quioto, a delegação da Santa Sé ali presente elaborou um documento intitulado “Água, elemento essencial para a vida”. As intuições iniciais presentes nesse documento foram retomadas e ampliadas e apresentadas pela delegação da Santa Sé no IV Foro Mundial sobre a Água, realizado na Cidade do México em 2006 (Santa Sé, 2006).

Na Laudato Sí, o termo água ocorre 44 vezes, sendo 40 delas no singular e 4 no plural. Já na introdução do documento, o termo aparece duas vezes e a primeira delas faz referência ao aspecto doentio que perpassa a criação incluindo aí a água. A segunda é uma memória de que somos constituídos dos elementos da natureza e que a água “nos vivifica e nos restaura” (LS n. 2). O documento não menciona, mas, nosso corpo é composto de 60% a 70% de água (CLEGG, 2020).

No primeiro capítulo do documento encontra-se uma reflexão sobre a poluição por resíduos que atinge diretamente as pessoas e o meio ambiente incluído aí a água que sofre acidificação (LS n. 20). Na sequência, aborda o tema do aquecimento que influencia o ciclo do carbono que por sua vez impacta na disponibilidade de recursos naturais como a água (LS n. 24). O segundo ponto do primeiro capítulo é dedicado à água e nele nos concentraremos agora.

O segundo ponto do primeiro capítulo é intitulado “A questão da água” e está composto de 5 números ou parágrafos. O número 27 é uma espécie de intro-

dução sobre o uso desenfreado e o desperdício da água potável, sobretudo pelos países mais “desenvolvidos” e nele o termo não aparece, embora saiba-se que o assunto é a água. Esse ponto parece ter como base o discurso da Santa Sé no IV Foro Mundial da Água (2006), já que no discurso quando se refere a uma “cultura da água”, se afirma:

A água é um elemento fulcral para a vida. Contudo, com demasiada frequência ela não é considerada como o luxo, que realmente é, mas paradoxalmente chega a ser desperdiçada. Sob o ponto de vista moral, o acto de esbanjar água é insustentável. Em determinados países, os habitantes habituaram-se a aproveitar de uma situação privilegiada, sem pensar nas consequências do seu desperdício hídrico para a vida dos seus irmãos e irmãs no resto do mundo (SANTA SÉ, 2006).

O número 28 consta de seis ocorrências do termo e aponta para a essencialidade da água para a sobrevivência humana e dos ecossistemas aquáticos e terrestres. Essa consideração já tinha sido feita anteriormente, no IV Foro Mundial da Água, a Santa Sé (2006) afirma “A água é um recurso natural, vital para a sobrevivência da humanidade e de todas as espécies que vivem sobre a face da terra”. Passados nove anos, chega-se a afirmação de que a disponibilidade de água doce já não atende à grande procura de modo sustentável. O documento ainda chama a atenção para essa escassez de água potável sobretudo na África.

O número 29 foca na questão da falta de água potável de modo particular para os pobres. Como resultado disso tem-se a presença maior de doenças relacionadas à água, pois a que chega para eles vem contaminada pelos mais diversos poluentes.

Entre os pobres, são frequentes as doenças relacionadas com a água, incluindo as causadas por micro-organismos e substâncias químicas. A diarreia e a cólera, devidas a serviços de higiene e reservas de água inadequados, constituem um factor significativo de sofrimento e mortalidade infantil (LS n. 29).

Uma séria denúncia é feita no número 30 deste documento: a privatização desse escasso recurso vital. O documento alerta para o crescimento da tendência à privatização, pois coloca a água como um produto sujeito às leis do mercado.

A água potável e saneamento básico é um direito humano fundamental de acordo com a Resolução A/RES/64/292 (ONU, 28 de julho de 2010). É com base nesse direito fundamental que o documento pontifício recorda a grave dívida social com os pobres que não têm acesso à água potável pela simples razão de que com isso se lhes nega o direito à vida (LS, 2015, n. 30). O número 31 do documento alerta para o risco de conflitos em poucas décadas tendo como pivô o controle da água por grandes empresas mundiais. O novo “petróleo” em muito pouco tempo poderá ser a água potável.

#### 4. A privatização da água no Brasil

Nessa perspectiva encontram-se os projetos de privatização de água e esgoto em muitos países e, não poderia ser diferente, também no Brasil. E importa começar recordando que a privatização dos serviços de água e esgoto no Brasil não é algo novo, ela tem uma história que começa ainda no governo Collor quando lançou o programa de desestatização de vários setores, incluindo aí água e esgoto.

Em publicação de 3 de fevereiro de 2025, o Sindicato dos trabalhadores em água, esgoto e meio ambiente de São Paulo [Sintaema], faz um alerta para os riscos de uma política de privatização desses serviços com base em um estudo de um periódico inglês chamado Nature Water (SINTAEMA, 2025).

Embora a reportagem não apresente as informações com rigor foi possível encontrar o referido artigo que tem por título “Estratégias da indústria da água para fabricar dúvidas e desviar a culpa pela poluição de esgoto na Inglaterra”. O estudo inglês estudou as empresas responsáveis pelo serviço de água e esgoto e revelou um esquema de manipulação de informações sobre o serviço prestado. Foi constatado que essas empresas causaram degradoamento ambiental por despejar resíduos não tratados em cursos d’água no período de 2019 a 2023 (FORD; SINGER; HAMMOND; WOODWARD, 2025, p. 231).

Causaram e prolongaram degradação ambiental pela ocultação de informações e isso foi feito sistematicamente. Segundo os autores, essas empresas usaram várias técnicas para enganar tanto a população em geral quanto as autoridades públicas. Os autores falam de uma lista de 28 táticas de “greenwashing/en-

gano” e 22 dessas táticas foram detectadas nas empresas que prestam serviço na Inglaterra (FORD; SINGER; HAMMOND; WOODWARD, 2025, p. 231).

Este artigo examina as comunicações e comportamentos das empresas de água e esgoto (WaSCs) na Inglaterra durante o período de 2019 a 2023 em busca de evidências de qualquer uma das 28 táticas identificadas por Goldberg e Vandenberg<sup>6</sup>. Embora a estrutura de ‘estratégias’ de Legg et al.<sup>5</sup> e ‘táticas’ de Goldberg e Vandenberg<sup>6</sup> tenham muito em comum, Goldberg e Vandenberg<sup>6</sup> colocam maior foco em estratégias de comunicação direcionadas ao público [...] FORD; SINGER; HAMMOND; WOODWARD, 2025, p. 232).

O Sintaema alerta para o uso das táticas denunciadas pelos autores do estudo inglês pelo estado de São Paulo ao privatizar a Sabesp e afirma que a população já sente o impacto dessa escolha do governo “com contas disparando e um futuro incerto para a qualidade da água e do saneamento” (SINTAEMA, 2025). O caso de São Paulo e da Sabesp não é isolado.

Outro canal que publicou matéria sobre o tema foi o G1, dois anos antes, na esteira da privatização da Sabesp. A autora do artigo Júlia Carneiro aponta o processo brasileiro de política de privatização do setor como um caminho inverso ao que ocorre em outros países, de modo especial, os europeus que estão fazendo a remunicipalização do serviço de água e esgoto (CARNEIRO, 2023).

O tema foi amplamente tratado em um artigo publicado no canal Outras Palavras com o título “Água: história de uma privatização infame”<sup>4</sup>. Na página, como uma espécie de chamada jornalística vem um parecer da situação da privatização da água na atualidade: “Como o governo Lula manteve (na contramão do resto do mundo) as políticas de Temer e Bolsonaro para o saneamento [...]. O fato de que Lula chega à presidência em desvantagem em relação ao Congresso foi decisivo para essa situação (MONTENEGRO et al, 2024).

A privatização desse setor no Brasil assume uma nova estratégia após o golpe que tirou da presidência a primeira mulher a ocupar esse cargo, Dilma

---

4. O texto foi amplamente divulgado pelo canal Brasil de Fato. No entanto, essa pesquisa está vinculada a um importante canal de pesquisa sobre a água chamado ONDAS. Aliás, os autores desse artigo são membros da ONDAS.

Roussef. Os interessados na privatização, empresas e setores financeiros, se apropriaram de um termo e o transformaram em um mote jornalístico convincente: o da universalização do setor. Os autores demonstram como a universalização se tornou o pretexto eficaz no processo de privatização que o país vivencia hoje. E isso se deu com a alteração do marco legal do saneamento de 2007 que só foi introduzida treze anos depois pela Lei 14026/2020 (MONTENEGRO et al, 2024).

No artigo, os autores mostram como uma estratégia foi usada para tornar a privatização aceitável pelo grande público. Por isso afirmam:

As novas regras e exigências visavam sufocar os prestadores públicos de água e esgoto – em especial as companhias estaduais – e com isso facilitar o processo de privatização. Para isso, a Lei 14.026/2020 impôs dificuldades para que os municípios, titulares desses serviços, pudessem estabelecer ou renovar contratos com as prestadoras de serviços estaduais, que à época da publicação da lei (2020), eram responsáveis por atender 125 milhões de brasileiros com abastecimento de água e 74 milhões com esgotamento sanitário [...] (MONTENEGRO et al, 2024).

O relato do processo estratégico dessa política de privatização da água e esgoto coloca o Brasil na contramão do resto do mundo, não apenas do ponto de vista das opções políticas, mas coloca o país no rol daqueles que optaram como nação a olhar um recurso fundamental para garantir a vida no planeta como mero produto comercial colocado na mão de algumas grandes empresas ou conglomerados como alerta o documento pontifício Laudato Sí.

## Conclusão

Em nosso país a privatização da água teve um avanço considerável no governo anterior e isso a médio e longo prazo será um caos. Mas, a crise hídrica não pode ser considerada à parte do problema maior que é a crise ambiental. Não é possível mais ficar na omissão, no distanciamento como se o problema não fosse também da Igreja, tanto a nível institucional quanto no nível essencial, ou seja, a igreja-povo, os cristãos de modo geral e os cristãos católicos em particular.

O problema ambiental é um problema de todo ser humano e cada um é chamado a assumir a sua responsabilidade frente a isso. Como cristãos que assumem

a existência de tudo como dom divino, precisamos trabalhar efetivamente no combate à destruição da obra da criação. A Igreja institucionalmente se posiciona clara e fortemente na Laudato Sí. Agora é o momento de cada um, consciente de seu papel de cuidador da casa comum trabalhar incansavelmente na conscientização das pessoas para esse cuidado. Colaborar nas coisas do dia a dia como coleta seletiva de dejetos, na reutilização de embalagens, no uso consciente de materiais altamente contaminantes etc.

O mandato divino foi “crescei e multiplicai-vos e preenchei a terra”. No livro do Gênesis esse mandato vem depois do episódio da destruição e recriação, no relato do dilúvio. O preenchei a terra não seria um convite a ser o “jardineiro” do Éden? Não seria um convite a que cada um, cada uma assuma o papel de cuidador dessa casa comum? A ideia de que o nosso planeta, o nosso mundo criado por Deus, é uma casa para todo ser humano coloca a todos na mesma condição.

Isso significa que não se pode aceitar que em nome da ganância de alguns se transforme um elemento natural em produto regido pela lei de mercado. Por isso, as políticas de privatização da água e saneamento, seja em nosso país ou outro qualquer, não podem ser aceitas sem ampla discussão e sem consideração de garantias para as populações já vulneráveis.

## Referências

- BIBLEWORKS, L. *BibleWorks*. Norfolk: Bible Works, 2006.
- CLEGG, Brian. Do que realmente é feito o corpo humano? BBC News Brasil, 4 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54017303>. Acesso em 12/10/2024.
- COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no apocalipse*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. 2a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- FORD, Alex T.; SINGER, Andrew C.; HAMMOND, Peter; WOODWARD, Jamie. Water industry strategies to manufacture doubt and deflect blame for sewage pollution in England. *Nature Water*, n. 3, p. 231–243, 2025. <https://doi.org/10.1038/s44221-024-00370>. Acesso em 27/02/2025.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*.

- Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html#\\_ftn12](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#_ftn12).
- GOMES, Rita Maria. A violência surgida no seio da criação e a necessária recriação (Gn 6,5–9,17). *Estudos Bíblicos*, vol. 35, n. 140, p. 451-463, out/dez 2018.
- KOPENAWA, Davi; ALTBERT, Bruce. *O espírito da floresta: a luta pelo nosso futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MINETTE DE TILLESSE, Gaëtan. Hino da criação, pecado original, matrimônio e aliança, *Revista Bíblica Brasileira*, Número Especial, 1984.
- NOVA VULGATA: *Biblorum Sacrorum editio*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1979.
- ONU. Resolução da Assembleia Geral da ONU. Resolução A/RES/64/292. Disponível em: *O direito humano à água e saneamento*: comunicado aos Média. [s.l.] 2010.
- REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma*: estudos sobre o monoteísmo hebraico. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2010.
- Mishnah Berakhot*. <https://www.sefaria.org/translations/pt>
- SANTA SÉ. *Água, elemento essencial para a vida*: intervenção da Santa Sé no IV Foro Mundial sobre a água. Cidade do México, 16 a 22 de março de 2006.
- SINTAEMA. Estudo indica como privatização da água promove crimes ambientais. Disponível em: <https://sintaemasp.org.br/noticias/privatizacao-crimesambientais>. Consultado em 27/02/2025.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Dicionário bíblico Strong*: léxico hebraico, aramaico e grego de Strong. Barueri-SP: 2002.
- MONTENEGRO, Marcos Helano; POLLACHI, Amauri; SILVA, Edson Aparecido; MORETTI, Ricardo de Sousa. Água: história de uma privatização infame. *Boletim Outras Palavras; Ondas-Observatório Nacional do Direito à Água e ao Saneamento*. Publicado 17/09/2024 às 18:42 - Atualizado 23/12/2024 às 18:42. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/agua-historia-de-privatizacao-infame/>. Acesso em: 01/03/2025.